

DIOCESE DO FUNCHAL

**GUIÃO DAS
MISSAS DO PARTO**



“Na escola de Maria. Mulher Eucarística”

2020

TEMÁTICAS DAS MISSAS DO PARTO

“Na escola de Maria. Mulher Eucarística”

Nesta novena preparatória para o Natal de Jesus, o guião das Missas do Parto tem como objetivo aprofundar o dom e a beleza da Eucaristia, a partir dos textos bíblicos de cada dia, do Plano Pastoral e da Mensagem do Advento do Senhor Bispo D. Nuno Brás.

OBJETIVO: Redescobrir e desenvolver o dom de Maria, como aurora da Eucaristia, e uma autêntica espiritualidade eucarística.

Com a nova situação mundial de pandemia, somos convidados a regressar às origens, para entrar verdadeiramente no espírito do primeiro Natal da história. Face à pertinente pergunta: Não haverá Natal? O Papa Francisco responde sabiamente a esta inquietação pertinente e dolorosa: “**Não haverá Natal?** Claro que sim! Mais silencioso e com mais profundidade, mais parecido com o primeiro, em que Jesus nasceu em solidão (...) Sem as ruas a transbordar, mas com o coração aquecido pelo que está para chegar. Deus está do nosso lado e partilha, como Cristo no presépio, a nossa pobreza, a prova, o pranto, a angústia e a orfandade... A Covid – 19 nunca poderá chegar ao coração nem à alma dos que no céu põem sua esperança e o seu alto ideal”. Acontece Natal, quando nos deixamos surpreender por Jesus Menino e o acolhemos na nossa vida.

Neste ano pastoral de 2020-2021 convido-vos a dar continuidade a um triénio de preparação para as Jornadas Mundiais da Juventude de Lisboa (2023), que terão por lema: “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1,39). Embora dirigidas expressamente aos jovens, todos somos interpelados a uma maior vivência cristã, fortalecida pela Eucaristia. Todos somos convidados a fazer caminho com a Virgem Maria, a Mulher Eucarística, modelo de fé e de amor.

O Plano Pastoral da Diocese, com o tema “A Eucaristia constrói-nos no caminho da fé: “Cristo Salva-te”, vai ajudar-nos a reanimar o dom da Eucaristia, o Pão da Vida, que alimenta o nosso caminho de comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs. “Por isso, devemos reconhecer que a Eucaristia é alimento de vida cristã sem a qual não podemos passar. Experimentámo-lo, de um modo muito concreto, nos meses em que a esmagadora maioria dos cristãos esteve impedida de comungar o Corpo de Cristo por causa do coronavírus” (Do Plano Pastoral Diocesano). Procuremos também, durante este novenário, prestar atenção ao nosso rico património musical madeirense das missas do Parto, ligados à Eucaristia, sobretudo o tradicional cântico: “Meu Deus que alegria, hoje nas causais; assim manifesto, bendito sejas” n.117. Ou então: “Anjos que a Jesus em roda adorais, cantando dizei-lhe: bendito sejas n.126. Lembro, ainda, um cântico desconhecido, mas de uma grande profundidade espiritual mística: “Loucos prazeres da vida, não me fareis desgraçado, porque em meu peito tenho a Jesus Sacramentado” nº127. E para completar acrescentava o cântico: “Lá dentro desse sacrário, nascem flores preciosas, onde a Virgem do Rosário, andava colhendo rosas”, n. 97 . (Do livro, Cânticos Religiosos do Natal Madeirense, de João Arnaldo Rufino da Silva).

Mensagem de Advento 2020

Noutros tempos, os arautos iam à frente do soberano para anunciar a sua passagem, a sua chegada: anunciavam o "advento do rei". E todos se preparavam para aquele dia.

Hoje, no início do tempo do Advento, quero, uma vez mais, anunciar a chegada do verdadeiro Rei que é Jesus.

Não há Natal sem Jesus. Não há Natal sem que Ele venha ao nosso coração e o transforme. Precisamos de preparar a sua chegada.

Este ano, o nosso gesto de renúncia (a ser recolhida no ofertório do dia 3 de Janeiro), será para os dois mosteiros de vida contemplativa que existem na Madeira: o Mosteiro da Caldeira e o Mosteiro do Lombo dos Aguiares. São religiosas que vivem pobre-

mente e que passam o dia a rezar por todos nós e pelo mundo inteiro. Procuremos ajudá-las.

Apesar da situação de pandemia, não vamos deixar de celebrar a Festa. Mas sempre no respeito pelas indicações que nos são dadas pelas autoridades de saúde.

O Senhor quer vir até nós, até à nossa família, até ao nosso coração. Na alegria, e cheios de confiança em Deus, preparemos a Sua chegada.

+ Nuno, Bispo do Funchal

A todos os Párocos e suas Comunidades desejamos um Santo e Feliz Natal cheio de paz e amor.

Percurso Temático do novenário:

15 de Dezembro. **A Eucaristia, mistério da fé** - Maria, a Cheia de graça.

16 de Dezembro. **Eucaristia, memorial da Páscoa** - Maria de Nazaré, a Mulher vigilante.

17 de Dezembro. **A Eucaristia constrói a Igreja** - Maria, Mãe de Igreja.

18 de Dezembro. **A Eucaristia, testemunho da fé dos Apóstolo.** Maria, a Virgem fiel.

19 de Dezembro. **A Eucaristia, fonte da missão.** - Maria, Estrela da Evangelização.

Domingo 20 de Dezembro - **Eucaristia e o serviço da caridade** - Maria, Arca da Aliança.

Dia 21 de Dezembro - **Eucaristia como banquete pascal** - Maria, a Senhora da Prontidão.

Dia 22 de Novembro - **A presença real de Jesus na Eucaristia** - Maria, a Mulher do Magnificat!

Dia 23 de Dezembro - **Eucaristia como dom e entrega.** - Maria do Fiat!

Este trabalho foi realizado por uma equipa e com a coordenação do Secretariado de Pastoral: Cónego Vítor dos Reis Franco Gomes, Irmã Maria da Cruz das Irmãs Clarissas.

15 de Dezembro. A Eucaristia, mistério da fé

Maria, a Cheia de graça.

Que o Espírito desperte em nós uma fé verdadeira.

Primeira leitura - Sofonias 3, 1-2.9-13

Salmo - 33, 2-3.6-7.17-18.19.23

Evangelho - Mateus 21, 28-32

A Eucaristia é sempre, em primeiro lugar, dom de Deus, dom do seu Filho que se faz a si mesmo alimento para o nosso caminho, para fazer crescer em nós o dom da fé que recebemos pelo batismo. Por isso, ao iniciar a Eucaristia, deveríamos dizer interiormente em silêncio mas com firmeza: «Senhor, eu creio mas aumenta a minha fé». Deus vem ao meu encontro, como vem ao encontro do meu próximo para mostrar o seu amor por mim e pelo outro, por todos os outros, mesmo por aqueles que não receberam o dom da fé. Por este dom, começamos por dar graças na celebração da Missa, reconhecendo que somos o que recebemos de Deus e uns dos outros, melhor, uns com os outros. Tal é o mistério da fé que nós aclamamos, terminada a transformação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus: «Anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa Ressurreição, vinde Senhor Jesus». O tempo da nossa vida é assim marcado e transformado pelo passado da morte de Jesus para a nossa salvação, pela alegre vivência da vida nova da Ressurreição que nos atinge hoje e pelo anúncio da esperança que é a última vinda do Senhor, pela qual o mistério pascal será consumado em nós. Deus entra no tempo da nossa vida para nos introduzir na eternidade da sua vida. Fá-lo não dissolvendo mas consolidando a nossa personalidade, a nossa humanidade, a nossa comunhão. Tal é o mistério que está na fonte da fé dos cristãos. Não um mistério obscuro, conhecido apenas de alguns, mas o anúncio manifesto e universal do Deus conosco, do Emanuel. A missa é a experiência do caminho de Deus na nossa vida, experiência pascal que não se vive sem a etapa da conversão.

Assim, pode ressoar em nós a advertência do Senhor na leitura do profeta Sofonias que acabámos de ouvir, advertência que não se aplica só à cidade de Jerusalém mas a cada de nós. Deixámos endure-

cer o coração julgando sermos donos de nós mesmos e fechámo-nos aos apelos e aos avisos de Deus que têm a finalidade de nos fazer crescer e livrar dos males que nos afligem. Preferimos pôr a nossa confiança nas coisas passageiras, enchendo-nos de ocupações, em vez de confiarmos no Senhor e aproximarmos-nos dEle. Tornámo-nos insensíveis aos seus dons, à sua presença, ao mistério da fé. Deus porém não desiste de enviar a sua Palavra e de fazê-la germinar: «Eu darei aos povos lábios puros, para que todos invoquem o nome do Senhor e O sirvam de coração unânime». Quando, na Eucaristia, recebemos Jesus que nos visita, aprendemos a servir a Deus «de coração unânime». Damos conta de que o seu amor não tem fronteiras de povos ou de raças mas que de todos Ele quer fazer seus filhos. Recebemos dEle a humildade para procurar só nEle o nosso refúgio. Renunciamos à injustiça e à mentira, à língua enganadora, à hipocrisia. Encontramos em Jesus que se dá a nós pastagem e repouso, consolação e alegria. O mistério da fé é por isso o mistério da vida que cresce em nós quando ouvimos a Palavra e recebemos o Corpo de Cristo.

É esta transformação que Jesus revela também na parábola do Evangelho de hoje. Ele está diante dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo convencidos de que são os eleitos de Deus. Jesus dá a entender que afinal não bastam as palavras que prometem fidelidade. O que conta, antes de mais, é a conformidade, a verdade entre a palavra e a vida. De facto, o segundo filho mostrou fidelidade ao pai apenas por palavras. É a fidelidade aparente de quem diz sempre que sim mas na realidade faz outra coisa ou o contrário do que diz. Por sua vez, o primeiro filho, aquele que recusou o pedido do pai, acabou finalmente por arrepender-se e foi trabalhar na sua vinha. Lição profética para os que ouviam Jesus: «Os publicanos e as mulheres de má vida irão diante de vós para o reino de Deus». Semelhantes nisto ao primeiro filho, acabaram finalmente por arrepender-se e entraram na vinha do Senhor, no seu Reino. É provável que este filho se tenha apercebido do amor do pai e, no mistério desta confiança, se tenha arrependido do não inicial. A Missa, mistério da nossa fé, é também o crisol da nossa conversão. Assim, a fé professada há-de tornar-se a fé viva.

Rezar e viver a Palavra: Somos suficientemente corajosos e fiéis de modo a que a Eucaristia em que participamos, dê frutos de humanidade, de gratidão e de paz, sinais duma autêntica união a Jesus?

16 de Dezembro. Eucaristia, memorial da Páscoa

Maria de Nazaré, a Mulher vigilante.

Vigiai! O Senhor vem fazer festa connosco!

Primeira leitura - Isaías 45, 6b-8.18.21b-25

Salmo – 84, 9-14

Lucas 7, 19-23

A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Jesus, isto é, da sua morte e da sua Ressurreição. Ele mesmo, no fim da última ceia com os seus discípulos, disse «Fazei isto em memória de mim». A memória e o memorial que ela permite fazem parte da nossa fé. É o próprio Senhor que o diz, na leitura do profeta Isaías. Quando fazemos memória do Criador, trazemos ao presente a convicção de que Ele é único e não há outro. Ele é o Senhor do céu e da terra. A luz e as trevas são obra sua, bem como tudo quanto existe dá testemunho de quem o criou. Mais ainda, Ele é mestre da nossa vida. Indica o caminho que leva à paz e à felicidade. Adverte que as consequências do mau uso da liberdade trazem sempre a desgraça e também nos diz que, pela conversão e com a sua ajuda, somos capazes de nos livrar dela. É Ele que envia do alto a justiça de modo que a terra, isto é, a nossa vida, se possa abrir para receber o dom duma vida nova na qual consiste a salvação. A memória faz-nos perceber, na obra do criador, os sinais que Ele nos dá e que a Ele conduzem. Porque Deus é único, conduz-nos também à unidade. A memória da criação de Deus dispõe assim para fazer a memória dos sinais da sua salvação. «Eu sou o Deus justo e salvador e não há outro». Quando o povo de Israel celebrava o memorial da Páscoa pela imolação do cordeiro, ele lembrava-se da acção passada e presente do Deus salvador e voltava-se para Ele. Deste modo, o memorial é fonte de mudança de vida no presente: «Voltai-vos para mim e sereis salvos, todos os confins da terra, porque eu sou Deus e não há outro». Por sua vez, a memória da Páscoa dispõe a receber a natureza como um dom que deve ser respeitado e que é promessa de uma Aliança. O memorial traz à nossa vida a consciência do dom que recebemos e leva-nos à acção de graças e ao louvor. Renova também a fé e a adoração do Senhor porque só nEle está «a justiça e a força». O memorial pascal solicita, em resposta ao Senhor, o dom do que temos e do que somos. Na mentalidade do povo de Israel, memória e acção

não se podem separar. Lembrar-se de alguém não é simplesmente trazer essa pessoa à sua memória por um ato apenas interior. É também agir de certa maneira porque memória e acção estão ligadas. Por exemplo, quando Deus se lembra de Noé, de Abraão, de David, também age em favor deles. Do mesmo modo, aquele que realiza o memorial, compromete-se com o que faz.

Os dois discípulos que João Batista enviou a Jesus para lhe fazerem a pergunta: «És tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro?», tinham certamente presente o que ouviram os outros dizer dele e, como o seu mestre, queriam saber se Jesus era ou não o messias de Israel. O rumor que circulava acerca de Jesus, os sinais que ele realizava, a autoridade da sua palavra, levava à pergunta decisiva sobre a sua identidade. Jesus não vai responder-lhes com uma simples declaração da sua identidade mas vai fazer ressurgir a memória da sua acção para que os discípulos de João possam avaliá-la. O que Ele é exprime-se no que faz. O que faz designa o que Ele é. A verdade da sua palavra está na sua própria acção. Fazendo memória dela, os discípulos encontram-se com Ele de verdade e podem levar esta Boa nova a João: «Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho; e feliz daquele que não encontrar em mim ocasião de queda». A memória da acção de Jesus é muito semelhante à memória da sua Páscoa. Numa e noutra encontramos Jesus vivo e recebemos dele o dom de sermos também curados, libertos dos males que nos impedem de sair de nós mesmos, de irmos ao encontro dos outros, de dar a vida no serviço e no perdão.

Na Eucaristia, Jesus é o centro do memorial porque ela é o sacramento da sua vida entregue por todos. É o Espírito Santo que realiza o memorial da Páscoa, Ele que foi prometido como o consolador: «Ele vos lembrará tudo o que eu vos disse» (Jo 14, 26). O Espírito Santo é a memória viva da Igreja. Na Eucaristia, não é propriamente uma acção do homem que torna o cristão presente ao sacrifício do Senhor. É o próprio Espírito Santo que realiza a presença de Jesus hoje, de tal modo que o memorial Páscoa possa entrar e transformar a nossa vida. A partir daqui o cristão pode fazer seu o memorial da Páscoa do Senhor de modo a assimilar-se a Ele para tornar-se a sua testemunha para os outros. Da memória pascal vivida na Eucaristia, nasce a missão de levar Jesus Cristo aos outros. É este testemunho, enraizado na memória do que Ele disse e fez, que os discípulos levam a João Batista.

Rezar e viver a Palavra: Através do memorial, a Páscoa de Jesus torna-se páscoa dos cristãos. Como preparo, celebro e vivo a Eucaristia. Faço da vida uma eucaristia perene?

17 de Dezembro - A Eucaristia constrói a Igreja

Maria, Mãe de Igreja. O Rosto da Palavra, Jesus Cristo vem para nós

Primeira leitura - Génesis 49, 2.8-10

Salmo - 71, 2-4.7-8.17

Evangelho - Mateus 1, 1-17

Sabendo que o fim da sua vida se aproximava, o patriarca Jacob pede aos filhos que se reúnam à sua volta como o pai que partilha com os seus não só uma herança mas sobretudo uma missão. Para cada um, ele tem uma palavra pessoal que revela o seu temperamento e aquilo a que é chamado. A bênção do pai, diversa para cada filho, é, na verdade, um alimento para o caminho, uma força para o futuro. O pai prepara os filhos para enfrentar o presente e não temer o futuro. Torna-os conscientes dos seus dons, como dos seus limites, no momento em que a sua vida declina, para os deixar livres de agir e de continuar a missão que ele mesmo tinha recebido de Deus. A sua herança, mais do que os seus bens, é mesmo, dum modo fundamental, a sua bênção; o facto de lançar os seus doze filhos, chefes das doze tribos de Israel, na aventura da vida em fidelidade à promessa de Deus. Como acontece nas nossas famílias, sempre que os pais reúnem junto de si os filhos numa época festiva ou num acontecimento importante da vida familiar, o seu desejo é também de os unir, de curar as possíveis divisões entre irmãos, de os ajudar a reconhecer que a sua diversidade não é um obstáculo mas uma oportunidade para a unidade a comunhão entre todos. Mesmo se o perdão e a reconciliação são por vezes necessários, a meta é excluir toda a rivalidade e inveja para ser verdadeiramente uma família.

Na leitura do Génesis que hoje ouvimos, Jacob detém-se a louvar Judá entre os irmãos. Chama-o um «leão novo». Aprecia ao

mesmo tempo a sua força e a sua serenidade, a sua coragem e a sua fidelidade. Anuncia também que a partir da descendência de Judá sairá uma linhagem real e um descendente a «quem os povos hão-de obedecer». Jacob anuncia assim uma descendência real que, passando por David, culminará no nascimento de Jesus, Filho de Deus.

Esta reunião derradeira dos filhos à volta do pai – Jacob – sinal de bênção e de despedida – bem nos pode sugerir uma imagem da Eucaristia porque nela Deus-Pai reúne os seus filhos e os une na Páscoa do seu Filho, não sem sarar as feridas abertas pelo pecado da divisão. A celebração da Missa realiza a nossa unidade como corpo de Cristo. Faz-nos entrar na comunhão dos filhos que receberam dons diferentes a serem postos ao serviço uns dos outros. Como diz o Papa S. João Paulo II, «o dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos a comunhão eucarística, realiza plena e sobreabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência da fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano. Pela comunhão do Corpo de Cristo, a Igreja consegue cada vez mais ser, ‘em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano’ (L.G.1). Aos germes de desagregação tão enraizados na humanidade por causa do pecado, como demonstra a experiência quotidiana, contrapõe-se a força geradora de unidade do Corpo de Cristo. A Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo comunidade entre os homens» (A Igreja vive da Eucaristia, nº 24).

A genealogia de Jesus que ouvimos no Evangelho de S. Mateus mostra-nos o alcance desta fraternidade que não só se estende no espaço mas também no tempo. Tudo concorre, na acção de Deus, para preparar a vinda de Cristo. A história do povo de Deus constitui a raiz na qual germina a semente divina da Palavra. Germina numa comunidade humana onde os limites do pecado se misturam com os feitos admiráveis de santidade e de humanidade verdadeira. Rompe as fronteiras dos povos para acolher os estrangeiros como membros do povo de Deus. Homens e mulhe-

res, na charneira das gerações, são os escolhidos de Deus e conduzidos por Ele até ao ponto onde a novidade surge na história, como orvalho descido do alto para fecundar a terra. A linha das gerações é de certo modo suspensa quando o Evangelho afirma que «Jacob gerou José, esposo de Maria, *da qual* nasceu Jesus, chamado Cristo». A continuidade da descendência é interrompida para dizer a novidade que lhe dá pleno sentido. Ganhou corpo na história a única Palavra e o seu rosto é, em plenitude, a pessoa de Jesus Cristo.

A Eucaristia torna-nos conscientes e faz-nos viver numa comunhão que ultrapassa os limites do tempo. Ela une as gerações passadas e as presentes numa única comunhão a que chamamos a comunhão dos santos. Ela constrói a Igreja porque a faz crescer para Cristo e porque se alimenta dele para viver a unidade e a comunhão que resultam da sua Páscoa.

Rezar e viver a Palavra: Neste sentido, a genealogia de Jesus é também a nossa genealogia mas não podemos esquecer que o que Ele faz em nós escapa à continuidade de toda a genealogia.

18 de Dezembro. A Eucaristia, testemunho da fé dos Apóstolos

Maria, a Virgem fiel. A Anunciação a José, o sonho que ilumina a vida!

Primeira leitura – Jer. 23, 5-8

Salmo – 71, 2.12-13.18-19

Evangelho – Mt 1, 18-25

A última ceia de Jesus, celebrada com a presença dos seus Apóstolos, comportava para eles uma missão que o próprio mestre lhes dava através das Palavras: «Fazei isto em memória de mim». A Eucaristia que celebramos hoje é sinal dum processo de transmissão constante e fiel ao testemunho e à fé dos Apóstolos. Tal como a fé é um dom que vem de Deus mas é confiado à transmissão dos que Ele escolhe para serem suas testemunhas, assim também, pela Palavra e pelo testemunho dos Apóstolos, a

Eucaristia que celebramos é a presença verdadeira de Jesus na comunidade reunida para celebrar o memorial da sua Páscoa. A origem apostólica garante a verdade da celebração eucarística. Diz-nos que é o mesmo Jesus morto e ressuscitado que continua a fazer-se presente e a transformar o pão e o vinho no seu corpo e no seu sangue. É o mesmo Jesus que continua a reunir a Igreja como o seu corpo e a enviá-la ao mundo para anunciar o Evangelho. Estas raízes apostólicas são para nós uma força serena e um critério de discernimento que deve orientar as nossas celebrações para que o ambiente festivo não se reduza a uma distração do espírito mas se revista da gravidade e da interioridade de quem entra no mistério da Páscoa do Senhor e vive já hoje da sua Ressurreição. É finalmente a obediência à tradição dos Apóstolos que há-de orientar todo o esforço criativo para proporcionar uma maior participação e vivência da Eucaristia. As gerações que nos precederam tornam-se então uma força para o presente na medida em que nos inserem na vasta comunhão dos crentes de todos os tempos, na fidelidade ao Evangelho que os Apóstolos nos transmitiram. Livramo-nos assim do individualismo que, nos campos da fé e dos sacramentos, na entrega ao arbitrário das nossas imaginações e ideias do momento.

Para os profetas de Israel, como para Jeremias na leitura de hoje, a esperança resulta das raízes da fé na Aliança de Deus. Ele precede-nos e ao mesmo tempo caminha à nossa frente porque é sempre fiel à sua Aliança. Fazer memória da justiça do seu agir é esperar que Ele possa agir ainda com justiça, como Ele o diz pela boca do profeta: «Dias virão [...] em que farei surgir para David um rebento justo. Será um verdadeiro rei e governará com sabedoria: há-de exercer no país o direito e a justiça». Este anúncio deve ser lido como resposta à realidade, por vezes bem dura, do dia-a-dia onde abundam a injustiça e a fraude. O passado e o presente levam o profeta a clamar, com voz forte: «O Senhor é a nossa justiça». Como Ele não nos abandona, também nos ensina com paciência a ser justos e a trabalhar pela justiça. Só a justiça acaba com a dispersão, a divisão e nos traz de volta à unidade pelo caminho da conversão. O Deus justo realiza a justiça no coração daqueles que se convertem graças à sua Palavra. O que Ele

faz é sempre novo. Não é simplesmente uma réplica do passado. A fidelidade à memória do que Ele fez no passado abre, por conseguinte, à esperança e à confiança.

Dando-se conta de que a sua noiva encontrava-se grávida, José decide repudiá-la em segredo até ao momento em que, num sonho, o anjo do Senhor esclarece o mistério da concepção de Jesus. Como muitos dos seus antepassados da linhagem de David, José era fiel cumpridor dos preceitos da lei. Homem justo e de fé, ele preferiu esperar com paciência que um sinal lhe fosse dado para agir em consequência. De facto, durante um sonho, o anjo do Senhor convida-o a não ter medo de receber Maria como esposa, uma vez que o que nela fora gerado é a obra do Espírito Santo. O Filho a quem ele porá o nome de Jesus vem para cumprir as Escrituras e realizar a Aliança. O seu nome significa: Deus salva. José é, no entanto, convidado pelo anjo a deixar as evidências da sua justiça, a passar do mero cumprimento da lei ao acolhimento do amor de Deus que se manifesta no nascimento de Jesus. Ele é chamado a compreender que Deus é justo quando manifesta a sua misericórdia, quando se faz próximo dos homens para conduzi-los até Ele. S. José representa no Evangelho toda a linhagem dos justos que esperaram o salvador e já viveram antecipadamente a Boa nova do amor de Deus. Ele compreende que a fidelidade de gerações inteiras se há-de abrir à novidade do Filho que será chamado Emanuel, Deus conosco. Com a totalidade da sua inteligência e da sua vontade, ele obedece ao anúncio do anjo e, como Maria, deixa que se faça nele a vontade de Deus. A justiça de José é finalmente o «sim» da sua fé.

Rezar e viver a Palavra: É esta paternidade da fé feita de fidelidade e de acolhimento que os Apóstolos também continuam a transmitir-nos na celebração da Eucaristia para que nós nos tornemos de verdade filhos, à imagem de Jesus.

19 de Dezembro. A Eucaristia, fonte da missão

Maria, Estrela da Evangelização.

Chamados pelo Senhor e enviados em missão

Primeira leitura – Juízes 13, 2-7.24-25a

Salmo 70(71), 3-4a.5-6ab.16-17

Evangelho Lc 1, 5-25

A Eucaristia transforma tudo aquilo que, à partida, parecia árido e estéril. Dá novo vigor àqueles que correm o risco de se deixar abater porque nem sempre vêm os frutos do seu trabalho, o resultado da sua sementeira. Às vezes acontece os fracassos se acumulam. É essa experiência que também nos as leituras de hoje nos lembram. O livro dos Juízes conta-nos como Deus envia o seu anjo a um casal estéril da tribo de Dã. Dirige-se à mulher de Soreá para lhe anunciar que o estigma da sua esterilidade vai ser superado por obra de Deus: «És estéril e sem filhos, mas conceberás e darás à luz um filho». Não será apenas mais um entre os filhos de Israel mas Aquele que o Senhor escolhe e destina para ser um chefe em Israel e para defender o povo dos filisteus. Ele é escolhido e consagrado para ser enviado. O carácter excepcional do seu nascimento é como uma profecia da sua missão. Na verdade, Deus está na origem e no fim de todas as nossas iniciativas. Se contamos apenas connosco mesmos e atribuímos só a nós mesmos o mérito dos nossos empreendimentos, cedo ou tarde virá o dia em que a soma dos fracassos sempre possíveis nos levará ao desânimo e ao pessimismo. Se, pelo contrário, nos abriremos à acção de Deus, reconhecendo-nos como chamados e enviados por Ele para ser testemunhas do seu amor, então ganharemos a coragem para continuar com determinação e alegria a anunciar a sua Palavra. Uma vez reconhecido o que Deus anuncia e faz em nós, não podemos deixar de o comunicar aos outros, da mesma forma que a mulher de Soreá foi comunicar ao marido a maternidade que o anjo lhe anunciara. Quando a fé nos move e transforma, também nos tornamos testemunhas do dom que rece-

bemos. Não podemos deixar de nos sentir enviados porque os dons de Deus são para serem postos ao serviço de uns e de outros e para o crescimento de todos.

No Evangelho, S. Lucas situa com grande precisão a intervenção divina neste casal, também estéril, de Zacarias e Isabel. Diz mesmo que «eram ambos justos aos olhos de Deus e cumpriam irrepreensivelmente todos os mandamentos e leis do Senhor». Havia assim uma fecundidade propriamente espiritual que já transformava a sua vida e que eles não podiam atribuir a si mesmos mas à fé que receberam como uma herança a transmitir. Nesta terra já trabalhada pela semente da Palavra, Deus envia o seu anjo a Zacarias para lhe anunciar o nascimento dum filho. Nascimento impensável uma vez que, para além de estéril, o casal tinha idade avançada. Aqui a acção de Deus é ainda mais extraordinária do que no caso de Soreá e da sua mulher. O anjo aparece a Zacarias no momento em que ele oferecia o incenso no templo para lhe fazer um anúncio que é ao mesmo tempo um apelo a uma missão. Na criança que vai nascer e que Zacarias vai receber como filho está expresso o desejo de Deus de salvar o seu povo. Já não será um chefe à maneira de Sansão mas um profeta à maneira de Elias. Ele «irá à frente do Senhor, com o espírito e o poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos». A missão é a de chamar à reconciliação, à unidade e à sabedoria dos justos. Zacarias manifesta, contudo, a sua reticência às palavras do anjo, fazendo dos limites da sua velhice um obstáculo à acção de Deus e fechando-se à acção do seu amor. Daqui resulta o seu silêncio que, mais do que imposto pelo anjo, é uma consequência, ainda que provisória, da recusa da missão que lhe é dada. Fechar-se à Palavra de Deus é ao mesmo tempo subtrair-se à missão.

A Eucaristia tem precisamente por fruto abrir-nos à Palavra de Deus e ao envio em missão. Na Eucaristia, diz o Papa Bento XVI, «não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua

missão: ‘Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária’. Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: ‘Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão connosco’ (João 1, 2-3).

Rezar e viver a Palavra: Verdadeiramente, nada há de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos» (Sacramento da caridade, nº 84). Façamo-lo não só com a palavra mas com a palavra e a vida, com o nosso testemunho de vida.

Domingo 20 de Dezembro - Eucaristia e o serviço da caridade

Maria, Arca da Aliança. Deus vem construir a sua tenda entre nós!

Primeira Leitura: 2 Samuel 7, 1-5, 8b-12.14^a.16

Salmo: 89,2-3. 4-5.27 e29

2ª Leitura: Rom 16, 25-27

Evangelho: Lc 1, 26-38

Com Maria, Mãe de Jesus, damos continuidade à nossa caminhada de Advento, aguardando em jubilosa expectativa a chegada de Jesus.

No IV Domingo do Advento, a Igreja sente a proximidade do Natal e prepara-se cada vez mais intensamente para celebrar o altíssimo mistério da Encarnação do Verbo.

A Liturgia deste domingo, numa densidade crescente, coloca-nos diante da bondade infinita de Deus e da sua preocupação salvadora para com a humanidade. David pretende edificar um palácio ao Senhor, mas é Deus que anuncia através do profeta Natã, que lhe vai preparar uma casa, onde reina a harmonia e a felicidade plenas. “*Serei para ele um pai e ele será para Mim um filho*” (2 Samuel, 7,15). A dinastia davídica é a depositária das promessas

divinas, das relações especiais com Deus e da filiação adotiva. No relato evangélico, somos surpreendidos pela beleza da sapiente pena de Lucas, o evangelista da infância, que nos relata a Anunciação do Anjo à Virgem Maria. Fora das instituições religiosas e do próprio templo, a salvação prometida por Deus chega desde um lugar humilde e pobre, Nazaré, uma aldeia sem importância, na Galileia.

Com a sua obediência à palavra de Deus, Maria diz “Sim” e dá cumprimento à realização da esperança messiânica: um descendente de David será o Messias de Israel. “*Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo*” (Lc1 32). Lucas fala aqui da relação misteriosa que une o Filho ao Pai. Jesus é Deus! Este evento salvífico é obra da plenitude do Espírito Santo, que já estava presente com a sua força criadora na criação do mundo.

A Eucaristia é dom da Santíssima Trindade à Igreja. É o sacramento da caridade por excelência. Nele contemplamos o abismo do amor insondável de Deus, que, em Jesus Cristo, se entrega totalmente a cada um de nós. Memorial das maravilhas do Senhor, a Eucaristia impele-nos à doação total aos outros, em particular, aos que habitam as periferias geográficas ou existenciais, os pobres, os doentes, os marginais, os migrantes e os idosos.

A Igreja fiel a Cristo e à humanidade, não cessa de nos recordar, pelo Espírito Santo, com “gemidos inefáveis”, a urgência da hora. S. João Paulo II, afirmou: “O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e sobreabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano (*A Igreja vive da Eucaristia*, n. 24).

Viver a Palavra e deixar-se interpelar pelo mistério: O Natal está a chegar. Nunca lhe ouviste os passos silenciosos? Ele vem para nós! Abri as portas ao Redentor!

Dia 21 de Dezembro - Eucaristia como banquete pascal

Maria, a Senhora da Prontidão. Ela põe-se apressadamente a caminho para servir

Primeira Leitura: Cânt 2, 8-14 ou Sof 3, 14-18^a

Salmo: 33, 2-3. 11-12. 20-21

Evangelho: Lc 1, 39-45

O excerto do Cântico dos Cânticos, poema de amor bíblico, expressa em linguagem sponsal-nupcial, o amor e a alegria indizível de Deus, sempre à procura do homem e da mulher: *“Onde estás?”* Deus nunca se cansa de esperar por nós. Num contexto de primavera, assiste-se a uma explosão de vida e de beleza, que se traduz em sons, cores e perfumes. Deus está encantado com a obra das suas mãos: *“A tua voz é suave e o teu rosto encantador”* (Ct. 2,14). Deus é sempre amor, como nos recorda S. João.

Maria, a cheia de graça, manifesta a sua fé profunda na palavra de Deus. Sobe apressadamente a montanha para visitar e ajudar a prima Isabel, de avançada idade, que se encontrava grávida. O dinamismo do amor vence todos os obstáculos e coloca-nos sempre numa atitude de serviço, que é alegria! Esta é a atitude da Encarnação do Verbo: despojou-se, fez-se Menino e veio para servir e dar a vida. O Espírito Santo faz exultar de alegria os corações das mães e dos filhos: *“De onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”* (Lc 1,43). Pela boca de Isabel, João inicia a sua missão profética de precursor do Messias. As surpresas de Deus e a superabundância do seu amor enchem de alegria e dão novidade à nossa existência. Só o Espírito Santo, fonte de vida e de comunhão, realiza a verdadeira cultura do encontro. Somente os humildes e os pobres, como Maria e Isabel, aceitam despojar-se para abrir-se à totalidade do mistério vivo do Amor de Deus.

A Igreja é chamada a celebrar, todos os dias, o banquete eucarístico, memorial das maravilhas de Deus. Verdadeiro Banquete escatológico, a Eucaristia é o maior tesouro espiritual da Igreja. Pelo dom da eucaristia, Cristo oferece-nos a sua vida divina e au-

menta em nós o dom do seu Espírito.

Admirável Sacramento de louvor, que realiza a universal harmonia, é, também, verdadeiro oceano de graças. O Papa Francisco afirma: “A Eucaristia une o céu à terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração” (Laudato Si, n. 238). Como diz S. João da Cruz, “todas as coisas criadas encontram-se eminentemente em Deus de maneira infinita”.

“*A Eucaristia é verdadeiro banquete*, onde Cristo Se oferece como alimento. Perante a perplexidade e desorientação do povo judeu, Cristo proclama-se verdadeiro Pão da Vida, descido do céu. Não se trata de alimento em sentido metafórico, mas «a minha carne é, em verdade, uma comida, e o meu sangue é, em verdade, uma bebida» (Jo 6, 55). (n.16) A Eucaristia é o céu na terra.

Rezar e viver a Palavra: Vivo uma autêntica espiritualidade eucarística com as suas implicações na minha vida concreta? Tenho a ousadia profética de João Baptista? Estou disponível para servir, como Maria? Sendo este o tema da próxima Jornada Mundial da Juventude, como é que estamos a preparar este grande acontecimento eclesial?

Dia 22 de Novembro - A presença real de Jesus na Eucaristia

Maria, a Mulher do Magnificat!

Primeira Leitura: 1 Sam 1, 24-28

Salmo: 1 Sam 2,1.4-5. 6-7, 8abcd

Evangelho: Lc 1, 46-56

A fé de Ana revelada no Livro de Samuel e a de Maria, no evangelista da infância, Lucas, exprimem-se com uma enorme alegria!

Depois de uma oração humilde e perseverante, no meio de lágrimas, Ana que era estéril, recebeu de Deus o dom da maternidade. Como sinal da sua gratidão e do seu amor para com o Senhor, Ana oferece o pequeno Samuel e alguns presentes. *“O Senhor ouviu a minha súplica. Por isso também eu o ofereço para que seja consagrado ao Senhor todos os dias da sua vida”* (1Sm 1,28). Este menino, tão ansiosamente esperado, é a luz e a alegria deste casal sem filhos e a resposta de Deus à oração de uma mãe estéril e infeliz. Quando deixamos Deus entrar na nossa vida, somos surpreendidos pela plenitude da verdadeira alegria!

No evangelho, contemplamos a resposta de Maria à saudação de Isabel. É um belíssimo poema de ação de graças, que a Igreja reza, todos os dias, na oração de vésperas, na Liturgia das Horas.

Contém citações do Antigo e do Novo Testamento, com alusão particular ao cântico de Ana, mãe de Samuel. Podemos dividi-lo em duas partes: a primeira é uma ação de graças de Maria pelas maravilhas que Deus realizou nela, apesar da sua humildade e pobreza: *“O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome!”*(n.49). A segunda canta a ação de graças do povo de Israel. Todas as promessas de Deus foram realizadas, com a chegada de Jesus, na plenitude dos tempos. Na pedagogia de Deus, o que realmente conta são os que não dão nas vistas e passam despercebidos aos poderes deste mundo.

No mistério celebrado, podemos contemplar, pela fé, a presença real de Jesus, na Eucaristia, Corpo entregue e Sangue derramado

pela vida do mundo. “A fé da Igreja é essencialmente eucarística e alimenta-se de modo particular, à mesa da Eucaristia”, como nos diz o Papa Bento VI, na Exortação Apostólica, (*Sacramento da Caridade*, 6). Acto supremo de amor, graças à Eucaristia, a Igreja renasce sempre de novo!

“Nos sinais humildes do pão e do vinho transubstanciados no seu corpo e sangue, Cristo caminha connosco, como nossa força e nosso viático, e torna-nos testemunhas de esperança para todos. Se a razão experimenta os seus limites diante deste mistério, o coração iluminado pela graça do Espírito Santo intui bem como comportar-se, entranhando-se na adoração e num amor sem limites”.

Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e «realiza-se também a obra da nossa redenção».

Rezar a Palavra e deixar que ela frutifique: Deixo-me alcançar pela pequenez e bondade do Menino Deus? Será que os cuidados do mundo e o protagonismo não me seduzem e ofuscam a verdadeira entrega e beleza da vivência da fé? Acredito realmente na presença de Jesus na Eucaristia? Como preparamos as nossas crianças e os nossos jovens, para que tenham um maior amor à Eucaristia?

Dia 23 de Dezembro - Eucaristia como dom e entrega.

Maria do Fiat! O “Sim” que iluminou o mundo inteiro.

Primeira Leitura: Mal 3,1-4, 23-24 Is 7, 10-14;

Salmo: 25, 4bc-5ab. 8-9, 10 e 14

Evangelho: Lc 1, 57-66

Deus envia o seu mensageiro para preparar o caminho do Senhor. Sua presença purificadora será como o fogo que tudo queima e destrói as impurezas do povo. Esta presença tem implicações comportamentais entre eles. *“Ele reconduzirá o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que não venha ferir a terra”* (Ml 3,24). Malaquias afirma que o dia do Senhor é o dia do triunfo da justiça. É o dia do grande discernimento, da luz e da alegria.

No evangelho deste dia, contemplamos a alegria da chegada dos tempos messiânicos, pelo cumprimento das promessas de Deus. Zacarias exulta e canta jubiloso: *“Bendito o Senhor Deus de Israel!”* Este pai feliz irrompe num hino de ação de graças pela salvação de Deus. João tem a missão específica de ser o precursor de Jesus. Deus “visita” o seu povo, termo bíblico que significa intervenção salvífica de Deus, que neste poema-oração é descrito com invulgar esplendor: *“Sol que nasce das alturas”*. É uma referência à “estrela messiânica” de que nos fala Neemias. João não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. *“O Verbo era a luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina”* (Jo 1, 9).

Que o Senhor conceda a graça da humildade de João Batista, que teve a coragem de proclamar a verdade e dar a vida por ela. Com o nascimento do Filho Unigénito do Pai chegou a plenitude dos tempos. A luz do Verbo ilumina o mundo inteiro. O Senhor está para sempre e verdadeiramente conosco. Deus armou a sua tenda entre nós!

Jesus instituiu a Eucaristia, na Ceia da despedida, no meio de grandes sofrimentos. Com este gesto surpreendente, Jesus anteci-

pou o mistério da Sua paixão, morte e ressurreição. Sinal de total comunhão e unidade, o Pão da Vida é verdadeiro alimento do corpo e da alma. *“Fazei isto em memória de mim”*.

Na Eucaristia, encontramos toda a bondade, toda a beleza e santidade. Fonte de sabedoria, o Filho Unigênito do Pai encerra todo o Bem, o Sumo Bem total. Presépio de Belém e Eucaristia! Pobreza e humildade! O mesmo silencioso falar! Mistério de fé e de amor. Jesus está para sempre conosco!

Com a Senhora do Advento, a Mulher Eucarística, contemplamos a inefável beleza do amor de Cristo e da sua entrega até ao fim! “Com a solicitude materna manifestada nas bodas de Caná, Maria parece dizer-nos: «Não hesiteis, confiai na palavra do meu Filho. Se Ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu corpo e sangue, entregando aos crentes, neste mistério, o memorial vivo da sua Páscoa e tornando-se assim “pão de vida” (*A Igreja vive da Eucaristia*, n.54).

Numa terra tão franciscana, como a Madeira e o Porto Santo, aprez-nos evocar o autor do Presépio, Francisco de Assis. Fazemos memória jubilosa desse feliz momento, em Greccio, Itália, através do testemunho dos seus escritos: “O Pobrezinho de Assis mandou preparar uma manjedoura com palha, e trazer um boi e um burrito. Convocaram-se inúmeras pessoas; pela floresta ressoaram cânticos alegres (...) O altar dessa missa foi a manjedoura. Francisco que era diácono, fez a proclamação do Evangelho. Em seguida dirigiu a palavra à assembleia, cantando o nascimento do pobre Rei, a quem chamou, com ternura e devoção, o Menino de Belém.” (LM 10,7)

Contemplar em silêncio o mistério e deixar-se interpelar: Jesus está a chegar. Vem silenciosa e humildemente para nós. Como Maria e José, deixemos que Ele entre na nossa vida, no nosso coração, na nossa casa, no nosso trabalho. Como promovemos as visitas e adoração ao Santíssimo Sacramento? Como estamos a preparar o Natal de Jesus? Não tenhais medo! Abri o coração ao Salvador! Boas Festas.

Vamos a Belém! Feliz Natal!

Cântico:

Meu Deus que alegria
Hoje nos causais
Assim manifesto
Bendito sejais.

**Os anjos se assombram
De finezas tais
E por elas dizem
Bendito sejais.**

De anjos e luzes
Vos acompanhais
Nesse altar sagrado
Bendito sejais.

O trono supremo
Do céu que ocupais
No mundo hoje o temos
Bendito sejais.

Para estar connosco
Vos sacramentais
Nesse Pão Divino
Bendito sejais.



Pintura de estilo rococó de
Giovanni Battista Tiepolo
Museu do Prado

